

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# O SISTEMA DEFENSIVO MEDIEVAL DE TAVIRA – ELEMENTOS OCULTOS POR ENTRE O CASARIO

Jaquelina Covaneiro<sup>1</sup>, Sandra Cavaco<sup>2</sup>, Fernando Santos<sup>3</sup>, Liliana Nunes<sup>4</sup>

## RESUMO

Referida tardiamente na documentação muçulmana, a medina de Tavira apresenta um forte desenvolvimento urbano entre os finais do século XII e os inícios do século XIII. É durante o período almóada que se regista o alargamento da cintura defensiva da cidade e o seu reforço, conseguido através da edificação de torres e barbacãs. Nos últimos anos têm-se multiplicado as obras relacionadas com a requalificação de imóveis que determinaram um conjunto diversificado de trabalhos arqueológicos.

Os dados que aqui se apresentam procedem de intervenções realizadas em locais distintos do centro histórico da cidade de Tavira. Pese embora o facto dos trabalhos arqueológicos fornecerem informações fragmentárias, tem sido possível aduzir novos elementos caracterizadores ao sistema defensivo medieval da medina de Tavira.

**Palavras-chave:** Tavira, Época islâmica, Sistema Defensivo.

## ABSTRACT

Referred belatedly in the Muslim documentation, the medina of Tavira presents a strong urban development between the late 12th century and the beginning of 13th. It is during the Almohad presence in Tavira that the strengthening and enlargement of the defensive wall of the city by building towers and moats is registered.

In the last years, the works related to the re-qualification of buildings have been multiplied and determined a diverse set of archaeological works

The data presented here come from interventions carried out in different places of the historical centre of the city of Tavira. Although the archaeological works provide fragmentary information it has been possible to add new elements that characterize the medieval defensive system of the Tavira medina.

**Keywords:** Tavira, Islamic Period, Defensive System.

## 1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo nos últimos quinze anos no centro histórico da cidade de Tavira têm-se revelado fundamentais no que ao conhecimento do sistema defensivo diz respeito. Até meados da última década do século passado pouco se conhecia da Tavira Islâmica, excepção feita para o castelo e suas muralhas.

A análise dos resultados das intervenções arqueológicas, da documentação escrita, para além da obser-

vação de gravuras, fotografias e de cartografia antiga, permite avançar com algumas propostas interpretativas respeitantes à evolução do sistema defensivo.

## 2. O LUGAR

Inicialmente, a ocupação da cidade desenvolveu-se numa pequena colina com cerca de 30 metros de altitude, a colina de Santa Maria, *a última ondulação serrana antes das terras baixas que se estendem junto à foz do Gilão e onde começam os sapais e as*

1. Município de Tavira; jcovaneiro@cm-tavira.pt

2. Município de Tavira; scavaco@cm-tavira.pt

3. Arqueólogo; fernandogsantos@gmail.com

4. Arqueóloga; Lianunesoo@gmail.com

*salinas da actual Ria Formosa* (Torres, 1997, p. 439). Em tempos distintos, este pequeno cerro foi o lugar escolhido por um conjunto diverso de comunidades humanas como local de assentamento. Trabalhos arqueológicos realizados nas últimas duas décadas revelam a presença de uma ocupação da Idade do Bronze, sendo de destacar a ocupação histórica da denominada “Colina Genética” no decurso da primeira metade do 1º milénio a.C. e a época islâmica, período em que se assistiu a uma considerável expansão urbana, que em última análise viria a ocupar outras áreas espaciais.

A escolha da colina de Santa Maria como lugar de assentamento, por um sem número de povos, pressupõe a existência de necessidades e/ou objectivos comuns. Assim, podemos observar que esta cidade beneficia de uma implantação única na paisagem. Por um lado, a sua posição recuada em relação à linha de costa permite-lhe evitar ameaças externas vindas do mar. Por outro lado, a protecção dada pelas ilhas-barreira protege-a dos mais variados fenómenos (tempestades, *tsunamis*, ...). Estas características permitem que esta cidade litoral reúna óptimas capacidades defensivas, reforçadas pela construção de um sistema defensivo extraordinário.

Este eficaz sistema defensivo serviria para proteger a sua situação portuária excelente, localizada no limite da área de influência das marés e com acesso a um rio navegável, permitindo aceder ao interior do território e às suas riquezas.

Este núcleo de feição urbana virado para o mar, ora Mediterrâneo, ora Atlântico, de acordo com os desafios do tempo (Costa, 2003, p. 183), afirmou-se ao longo dos séculos enquanto lugar central do território envolvente, permitindo aos seus habitantes controlar o trânsito de pessoas e de bens entre o litoral e o interior do território, favorecendo o intercâmbio de ideias, bens e produtos.

### 3. AS ORIGENS

Até ao momento, os dados resultantes dos trabalhos arqueológicos (Maia, 2003a e 2003b; Maia, 2008; Maia e Gómez Toscano, 2012; Simão e Pinto, 2009) realizados na colina de Santa Maria revelaram que a ocupação mais antiga localiza-se na face virada a Sul-sudeste.

A responsável pelos trabalhos arqueológicos efectuados quer no Palácio da Galeria, quer em Netos, estabelece que a primeira ocupação da colina gené-

tica se situará entre o *Horizonte Médio* e o *Horizonte Residual da Idade do Bronze Final*, isto é, entre 1000 e 750 a.n.e. (Maia, 2008, p. 59). O povoamento registado na colina de Santa Maria teria uma origem local, prévia à presença de “fenícios” em Tavira. O povoado possuiria alguma organização estrutural, tendo-se reconhecido áreas de fundição de minério e espaços habitacionais.

No que à Idade Ferro diz respeito constatamos que a localização e a topografia da cidade mantêm a continuidade da ocupação anterior (Bronze Final), reforçando as condições naturais de defesa do espaço habitacional com um recinto muralhado.

A integração de Tavira no processo de expansão fenícia, que podemos situar em finais do século VIII a.C., traduz-se num acentuado crescimento económico e ocupacional. Os testemunhos trazidos à luz do dia pelos trabalhos arqueológicos (Maia, 2000; Maia, 2007; Maia, 2008; Arruda, Covaneiro e Cavaco, 2008; Mateus, 2010; Pinto e Simão, 2009) evidenciam características orientalizantes, quer ao nível do espólio (cerâmicas pintadas em bandas, cerâmicas de engobe vermelho, vasos trípodas, urnas *Cruz del Negro*, ...), quer ao nível da arquitectura.

Os contactos com o Mediterrâneo mantem-se entre os séculos V e III a.C., observando-se a presença de materiais cerâmicos que traduzem a existência de trocas comerciais a longa distância (Arruda, 2007, p. 121). Esta vitalidade económica possibilita a Tavira manter-se como lugar central do seu território.

Após séculos de ocupação humana a colina de Santa Maria aparenta ter sido abandonada por cerca de 14 séculos, desde a ocupação turdetana até à ocupação islâmica (Corvo, 2008, p. 20). As razões que levaram ao abandono, e posterior reocupação da cidade por populações islâmicas, têm originado algumas hipóteses interpretativas (Maciel, 2003; Mantas, 2003) mas que, até ao momento, carecem de bases concretas de fundamentação.

A realização de trabalhos na colina genética, nomeadamente no BNU (Maia, 2003b), na Pensão Castelo (Basílio, Neves e Almeida, 2006) e no Solar dos Corte Real (Maia, 2005a) tem vindo a revelar que a ocupação islâmica mais antiga da cidade se localiza na face virada a Sul-sudeste e que deverá situar-se em torno do século XI.

#### 4. PRIMEIROS VESTÍGIOS DE UM SISTEMA DEFENSIVO

Os primeiros vestígios de um sistema defensivo na colina de Santa Maria datam da Idade do Ferro e dizem respeito a uma muralha fenícia com casamatas e passadiços, identificada em Netos (Maia, 2000, p. 3), datada por Maria Maia da segunda metade do século VIII a.C.

No decorrer de trabalhos arqueológicos no Terreiro do Parguinho foi identificada uma estrutura com características similares à muralha de Netos. Segundo a responsável dos trabalhos arqueológicos, *num período contemporâneo ou posterior aos séculos VIII-VI a.C. assiste-se à construção de uma estrutura, aparentemente, de grandes dimensões que poderá estar relacionada com um troço da muralha da Idade do Ferro já identificada noutros locais...* (Mateus, 2010, p. 55).

Os dados arqueológicos revelam que o assentamento urbano da Idade do Ferro estaria protegido por um sistema defensivo que marcaria o território e delimitaria o espaço “urbano”. *As muralhas, oferecendo uma visão impressionante desde longe, tinham certamente uma forte carga simbólica, ainda que a sua função defensiva e militar não fosse, de forma nenhuma, despicienda* (Maia, 2003b, p. 62).

A contínua ocupação da colina de Santa Maria transformou e humanizou a paisagem, pelo que estes muros defensivos foram “escondidos” por camadas e camadas de história que só em anos recentes têm vindo a ser revelados.

#### 5. A PRESENÇA ISLÂMICA

É na face virada a Sul-sudeste da colina genética de Santa Maria que se localizam os vestígios islâmicos mais antigos, sendo provável que aqui se localizasse a *qarya* (alcaria) mencionada por al-Idrîcî (Domingues, 2003, p. 342), a qual estava protegida por um *hisn*, referido por Ibn Çâhib al-Çalâ no século XII (*Ibidem*, p. 343).

No final das Segundas Taifas, esta pequena povoação enfrenta o poder vigente, o “Califado Almóada” e, após três cercos, é conquistada. Esta resistência ao “inimigo” é um indício da eficácia do sistema defensivo existente. No decurso do século XII terão ocorrido diversas obras de reforço do perímetro muralhado: por exemplo, no BNU, foram destruídas várias casas de um bairro para a construção da muralha (Maia, 2003, p. 159).

Sob o domínio almóada, o pequeno *hisn* de Tabîra adquire o estatuto de *mâdina* (cidade) e, em cerca de trinta anos, afirma-se como capital de um distrito, superando a antiga capital, Faro (Khawli, 2003, p. 131; Tahiri, 2003, p. 151).

O desenvolvimento económico e demográfico que Tavira regista sob governação almóada é significativo, e decorre, quer do facto do califado almóada ter nomeado, em 1169 (564 H), para governador de Tavira o *hâfiz Abû Iahiâ Zacarias Ibn Sinân* (Khawli, 2003, p. 135), quer dos avanços da cristandade.

Em paralelo, registam-se alterações urbanas significativas, das quais salientamos a edificação de novas áreas habitacionais. Extramuros, surge o arrabalde da Bela Fria, que se prolongaria pelo espaço entretanto ocupado pela ermida de S. Roque (Covaneiro e Cavaco, 2010) e alcançaria o antigo Orfeão (Assunção, 2007, p. 39), hoje Pousada da Juventude. Intramuros, o bairro do Convento da Graça espraia-se pela encosta noroeste da colina (Covaneiro e Cavaco, 2004, p. 51).

De modo a defender a *mâdina* Tavira, verificam-se obras de reforço da muralha, materializadas na construção de uma barbacã e da maioria das torres, sendo ainda construídos novos troços de muralha, os quais resultaram no aumento da cintura defensiva (Maia, 2003, p. 160; Maia, 2006, p. 48).

#### 6. ELEMENTOS OCULTOS POR ENTRE O CASARIO

Nos últimos quinze anos diversos investigadores (Cavaco, 2011; Cavaco e Covaneiro, 2009; Correia, 1998; Maia, 2003a e 2003b; Maia, 2005a; Maia, 2006 e Paulo, 2006) têm-se debruçado sobre o tema da ocupação de Tavira no decurso da presença islâmica, bem como sobre o sistema defensivo edificado por essas populações.

##### 6.1. Muralha

O estudo do conjunto defensivo e atribuição de cronologias aos diferentes panos da muralha de Tavira tem enfrentado alguns desafios (Cavaco e Covaneiro, 2009, p. 436). Por um lado, alguns dos panos e torres encontram-se em terrenos privados, muitos dos quais inacessíveis (*Ibidem*, p. 436). Por outro lado, existem construções adossadas à muralha estando, por este motivo, muitos panos ocultos no interior de casas.

De realçar, ainda, o facto de que *a maioria dos tro-*

ços de muralha e torres defensivas sofreram sucessivas intervenções de restauro e consolidação que, em certos casos, alteraram profundamente as suas características fundamentais (Paulo, 2006, p. 92). Estas alterações são passíveis de ser observadas em fotografias antigas que retratam as obras executadas pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, entre as décadas de 40 e 70 do século XX.

No entanto, nos últimos anos os dados obtidos a partir de algumas das intervenções realizadas na cidade têm contribuído para o levantar do véu.

Na Rua Gonçalo Velho os trabalhos revelaram a existência de uma estrutura em alvenaria de pedra, de grandes dimensões, que se prolongava numa extensão de cerca de 5,50m (Simão e Baptista, 2010, p. 34). Esta estrutura apresentava-se rebocada em cerca de 0,40cm, desde o topo conservado, altura a partir da qual se podia observar o aparelho construtivo em cerca de 1,20m de profundidade (*Ibidem*, p. 28). Os responsáveis pelos trabalhos atribuíram a esta estrutura uma cronologia de época islâmica (*Ibidem*, p. 25). A observação do *Atlas del Marqués de Heliche* (Sánchez Rúbio, Testón Núñez e Sánchez Rúbio, 2004, p. 23) permite observar o traçado da muralha na área em apreço, sendo de destacar a existência de uma porta no Largo do Terreiro da Vila, a Porta da Vila, de entrada indirecta, protegida pela barbacã, cuja função é a de inviabilizar o acesso directo ao interior do povoado (Paulo, 2006, p.117). Aparentemente, a intervenção realizada na Rua Gonçalo Velho não identificou vestígios passíveis de serem atribuídos a uma porta mas revelam a presença de uma estrutura murária de grandes dimensões que deverá encontrar correspondência na muralha referida nas fontes históricas e cartográficas.

Na Travessa dos Pelames n.º 6 e 8, os trabalhos arqueológicos associados à obra de reconstrução do pano de muralha aí existente, puderam atestar que a estrutura, até então considerada de Época Medieval, corresponde a uma construção de Época Moderna e Contemporânea, que altera o original alinhamento do pano de muralha medieval do sistema defensivo de Tavira.

No decurso dos trabalhos, em área adjacente a essa estrutura murária, não foram identificados quaisquer níveis fundacionais ou estrutura de embasamento, passíveis de corresponder à muralha medieval. Em contrapartida, verificou-se que a estrutura em alvenaria assenta em estratos cujos materiais cerâmicos se enquadram em cronologias da Idade do

Ferro (Santos, 2016, p. 6). A estrutura em análise, caracterizada por alvenarias bastantes heterogéneas e de fraca qualidade, executadas sem recurso a ligantes de argamassas de cal, parece corresponder a um muro de suporte de talude dos logradouros que se localizam a Este, a cota superior, cuja construção permitiu uma ampliação destes espaços para além do original perímetro muralhado de Época Medieval.

A partir da observação da planta de Leonardo Ferrari do século XVI, incluída no *Atlas del Marqués de Heliche* (Sánchez Rúbio, Testón Núñez e Sánchez Rúbio, 2004, p. 23), verificamos que o pano de muralha nesta área apresenta um ponto de inflexão de cerca de 150º, depois seguiria até à Torre que se encontra adossada à Porta que abre para a Travessa dos Pelames. Previamente ao início dos trabalhos tínhamos algumas reservas quanto à leitura da cartografia antiga, parecendo-nos duvidosa a inflexão registada neste pano de muralha. Actualmente, e de acordo com os dados desta intervenção, torna-se admissível que o pano de muralha se encontre alguns metros a Este da área intervencionada, sob os aterros dos logradouros aí existentes.

## 6.2. Torres

No que concerne as torres sabemos, através de uma planta de Leonardo Ferrari do século XVI incluída no *Atlas del Marqués de Heliche* (*Idem*), que as muralhas de Tavira estariam dotadas de 22 torres, a que se somam as sete torres do Castelo. Trabalhos arqueológicos realizados na Rua da Liberdade n.º 78 (Covaneiro, Cavaco e Candeias, 2015; Santos e Nunes, 2015) e n.º 52/54 (Maia, 2004) lançam uma nova luz sobre esta temática, “obrigando” a repensar questões relacionadas com o sistema defensivo da cidade. A intervenção arqueológica efectuada na Rua da Liberdade n.º 78 decorreu da obra de reabilitação do edifício, sendo que os trabalhos executados visaram a salvaguarda e a minimização de impactes negativos sobre os vestígios histórico-arqueológicos. Numa primeira fase, os trabalhos foram executados pela equipa de arqueologia municipal (Covaneiro, Cavaco e Candeias, 2015). No entanto, é no decurso da segunda fase, da responsabilidade de Fernando Santos e Liliana Nunes (2016), que são revelados vestígios histórico-arqueológicos de valor extraordinário.

Durante os trabalhos arqueológicos foi posto a descoberto parte de uma estrutura, correspondente a uma torre, de planta quadrangular ou sub-quadrangular, podendo observar-se o seu cunhal

original sul (Figura 1). As dimensões máximas observáveis da estrutura são de 3,68m por 1,2m, sendo a altura máxima conservada, desde o seu embasamento, de 3,7m. A intervenção permitiu constatar que a estrutura desenvolve-se nos sentidos nordeste e noroeste, em direcção aos lotes vizinhos.

O material construtivo do Torreão corresponde à descrição de diversos autores no que concerne o aparelho construtivo do sistema defensivo da *medina* de Tavira. Segundo Luís Campos Paulo o *aparelho construtivo de Tavira era globalmente constituído por taipa, formada por argamassa de cal e terra, ao qual era adicionado fragmentos de cerâmica e pedra calcária da região, de pequena e média dimensão. A estrutura era posteriormente revestida por alvenaria de pedra calcária da região, formada por blocos de pequena e média dimensão, que alternavam em fiadas, unidas por argamassa de cal. A cobrir a alvenaria dispunha-se argamassa de cal que consolidava toda a estrutura* (Paulo, 2006, p. 93). O embasamento da estrutura assenta directamente no substrato geológico calcário e desenvolve-se por 1,40m de altura, sendo executado em alvenaria de pedra calcária local, irregular, de pequena, média e grande dimensão e ligante de cal bem depurada, resistente e com grande aderência. O material construtivo das faces do Torreão é constituído por blocos de pedras facetadas de média e grande dimensão, conferindo regularidade à superfície exterior da estrutura, que apresenta um generoso barramento de argamassa de cal, toscamente aplicado nas juntas, e parcialmente sobre a superfície da alvenaria. O enchimento da torre corresponde a uma sucessão de camadas de taipa com adição de cal, pedras de calcário local de pequena e média dimensão e fragmentos de cerâmica de construção e cerâmica comum, propositadamente fragmentados para o efeito. Estes níveis de taipa, que não logram atingir a solidez da taipa militar, são, ainda assim, caracterizados por uma grande compacticidade e resistência, características certamente resultantes da adição de cal a estas argamassas de terra crua.

Pese embora os materiais recolhidos nos níveis de construção do Torreão serem escassos e de reduzida dimensão, os dados obtidos a partir do seu estudo permitem balizar a construção desta estrutura entre os séculos XII e XIII.

Tendo em conta os resultados obtidos, consideramos que o Torreão integra o sistema defensivo da *mãdina* de Tavira, sendo possível observar o seu alinhamento com a torre existente a Sudoeste.

Maria Maia refere que na Rua da Liberdade n.º 52/54 *a Vala 2 partiu do topo “Norte” da torre medieval islâmica anteriormente detectada. ... De notar que as escadas de acesso à piscina que atingem pouca profundidade se instalarão sobre a torre já referida* (2004, p. 1). Pela descrição depreendemos que Maria Maia terá identificado o embasamento de uma torre, supostamente islâmica. Contudo, não menciona outros dados sobre esta estrutura, apenas refere que os terrenos estariam destinados a pomares, hortas e jardins e que as estruturas identificadas serão muros de sustentação de terras (*Ibidem*, p. 4).

No *Atlas del Marqués de Heliche* está registada uma torre no canto sul-sudeste do castelo, hoje desaparecida. Por outro lado, algumas fotografias antigas tiradas a partir da margem esquerda do Gilão, parecem denunciar alguns indícios de que essa torre ainda existiria no século XX.

Tendo em conta o acima mencionado, e a partir do ensaio de implantação da torre identificada por Maria Maia, pudemos notar que a estrutura mostra grande proximidade com as muralhas do Castelo/alcáçova. Neste sentido, e apesar de serem poucas as evidências e registos disponíveis, parece-nos que a torre identificada por Maria Maia integre o ângulo Este do Castelo/Alcáçova, à semelhança do que se verifica nos seus ângulos Sudoeste e Norte.

A edificação desta torre coloca a tónica no equilíbrio da arquitectura militar da alcáçova, garantindo a defesa a partir de estruturas avançadas nas vertentes angulares. A partir deste exercício, consideramos, ainda que com as devidas reservas, a possibilidade de ter existido uma torre no ângulo noroeste da Alcáçova. Trabalhos arqueológicos realizados na encosta noroeste da colina, na Horta da Bela Fria, colocaram a descoberto uma torre albarrã (Covaneiro e Cavaco, 2012), que integraria um conjunto de quatro torres albarrãs (Cavaco, 2011, p. 67).

A torre identificada na Bela Fria não se encontra completamente visível, uma vez que parte da área onde esta se implanta não foi alvo de trabalhos arqueológicos. Tendo isto em consideração, desconhecemos a sua planta e dimensões, de igual modo não sabemos se aproveita no todo, ou só em parte, a rocha-base como alicerce. Na base desenvolvem-se quatro socalcos, que deveriam estar soterrados. A altura entre cada socalco é de 0,30cm, distando cerca de 1,90m entre o topo do quarto socalco e a altura máxima conservada da torre (Covaneiro e Cavaco, 2012, p. 71).

Na base, e na face voltada a nascente, a torre apresenta cerca de 12,70m de largura máxima. O corpo mede à volta de 7,70m de comprimento máximo e cerca de 2,90m de largura visível (*Idem*).

Os cunhais desta estrutura são constituídos por silhares rectangulares observando-se que o restante aparelho é composto por pedra calcária aparelhada, de pequena e média dimensão, disposta em fiadas uniformes e regulares. O interior da torre é preenchido por grandes blocos de pedra, não aparelhada, interligados por argamassa de cal de elevada dureza, resistência e durabilidade (*Idem*).

Na Rua de Trás dos Muros, os trabalhos realizados por Manuel Maia possibilitaram a identificação de *um grande passadiço... que guardaria a Porta da Bela Fria* (Maia, 2003, p. 160). O passadiço é *un muro puente abovedado de longitudine muy variable* (Pavón Maldonado, 1999, p. 252) que permite a ligação entre a muralha e a torre albarrã que *son torres destacadas de la muralla más de lo normal* (*Idem*). Embora apenas tenha chegado até nós um pequeno troço do passadiço, a sua orientação e localização permite considerarmos que este elemento ligaria a torre albarrã da Bela Fria à muralha.

Ainda na área em apreço, constatamos que o passadiço da torre albarrã do Convento da Graça não chegou até nós. No entanto, após observação de fotografias antigas, verificamos que parte da estrutura do passadiço subsistiu até meados da década de 40 do século XX, período após o qual as obras de conservação, efectuadas pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, a ocultaram. Escavações realizadas no n.º 10 da Rua da Bela Fria<sup>5</sup> permitem concluir que a torre albarrã do Convento da Graça não terá sido alvo de alterações significativas, no que à sua configuração diz respeito, com exclusão do paramento exterior.

Tendo em conta os dados reunidos, podemos considerar que as torres albarrãs da Bela Fria e do Convento da Graça defenderiam a Porta da Bela Fria, pese embora o facto de até ao momento não termos claras evidências arqueológicas da existência desta Porta da cidade medieval.

### 6.3. Barbacã

A muralha pode apresentar pontos fracos, pelo que

---

5. Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados no local, sob a responsabilidade científica de Fernando Santos e Andreia Campoa.

são construídas torres, barbacãs e fossos de forma a contrabalançar essas fragilidades. *La barbacana es de una función defensiva total. El enemigo encontraba en ella un serio obstáculo, a veces insalvable, para llegar al pie de la muralla principal al que difícilmente podían acceder las máquinas de guerra* (Pavón Maldonado, 1999, p. 279). No caso de Tavira também *poderia ter funcionado como regulador do curso fluvial* (Paulo, 2006, p. 115).

Nos últimos anos os trabalhos arqueológicos têm contribuído com novos dados, determinantes para uma melhor compreensão da estrutura defensiva da cidade.

Na Rua de Trás dos Muros, Manuel Maia colocou a descoberto um novo troço da barbacã em taipa militar (2006, p. 48). Este muro defensivo, juntamente com as duas torres aí existentes, defenderia a Porta que aí se abre para a Travessa dos Pelames.

Na Travessa dos Pelames n.º 6 a 8, trabalhos arqueológicos recentes puseram a descoberto um troço da barbacã (Figura 2), que deverá encontrar correspondência no troço já identificado por Manuel Maia na Rua de Trás dos Muros. A estrutura agora identificada apresenta semelhanças com a barbacã atrás mencionada, ao nível da tipologia construtiva e respectivas dimensões.

A estrutura murária reconhecida em Pelames, com orientação NE/SO, apresenta 1,5m de largura, desenvolvendo-se por cerca de 7,4m de comprimento. É constituída por um capeamento em alvenaria de pedra de calcário local e ligante de argamassa de cal, bem depurada e resistente. Na vertente NE a estrutura apresenta-se constituída por taipa militar, robusta e resistente, onde se pode observar a ranhura para a colocação do agulheiro dos taipais dispostos espaçadamente. A face NO da barbacã encontra-se regularizada, exibindo, pontualmente o reboco em argamassa de cal. Não foi possível identificar claramente a face SE que, parece ter sido integrada nas estruturas dos tanques que, posteriormente se lhe adossam.

Considerando a hipótese de que esta estrutura corresponderá à barbacã, e que estará associada ao pano de muralha medieval, supostamente situado alguns metros a Este da área intervencionada em Pelames, julgamos útil referir que o afastamento entre estas duas estruturas será superior a 10m. A existência deste espaço, necessariamente “vazio” de construções, permite considerarmos um outro uso, para além da natural utilização militar. Porém, a ausência

de outros dados não permite de momento avançar com qualquer hipótese de trabalho na interpretação desta realidade.

Ainda na encosta noroeste da colina, mais precisamente na Calçada de Santa Maria, foi identificado um muro, numa extensão de 0,80cm, com cerca de 1,60m de largura, não tendo sido colocados a descoberto os seus alicerces (Covaneiro e Cavaco, 2012) (Figura 3). A tipologia construtiva da estrutura murária, não sendo despicienda a sua implantação e dimensões, permite considerar que este muro integraria o sistema defensivo da cidade. Assim, poderia esta estrutura, em articulação com os outros elementos defensivos, proteger a Porta da Bela Fria, de que até ao momento não temos indícios claros da sua existência apesar de sabermos que *esta Porta quiseram os frades Agostinhos tapar no ano de 1570, tendo a isso se oposto os munícipes* (Anica, 2003, p. 73). Contudo, este acesso ao interior da cidade, *uma azinhaga* (*Idem*) deveria divergir, não no seu todo mas em parte, do traçado que sobreviveu até à actualidade<sup>6</sup>.

Na Rua da Liberdade n.º 78, ainda que apresentando distintas características construtivas, foi igualmente identificado um troço da barbacã. Na vertente nordeste do lote, esta estrutura murária apresenta uma largura de 1,5m, desenvolvendo-se por uma extensão de 8,2m. Na vertente sudoeste identificou-se um segundo troço, com cerca de 4,5m de extensão. Contudo, e por se desenvolver parcialmente sob os aterros do lote vizinho, não foi possível observar e registar a largura original deste troço observando-se, porém, o seu desenvolvimento em extensão no sentido Sudoeste, sob o casario existente.

A observação desta estrutura no seu todo, permite afirmar que ela deverá prosseguir nos lotes adjacentes, no sentido nordeste e sudoeste, em áreas actualmente construídas.

O núcleo da estrutura é constituído por alvenaria de pedra calcária irregular, de pequena e média dimensão, com sedimento de permeio e disposta de forma irregular. As superfícies exteriores são constituídas por blocos de pedra, toscamente facetadas, e dispostas em fiadas regulares alternadas. A face

sudeste mostra a aplicação de uma fina camada de reboco de argamassa à base de cal, de cor bege, pouco resistente.

No que concerne os níveis fundacionais, verificou-se que assenta num nível descontínuo de argamassa à base de cal e areia, pouco resistente e não sobre o substrato geológico calcário.

A barbacã, na vertente sudoeste do lote, apresenta-se conservada a uma cota superior, revelando um alinhamento distinto daquele identificado na vertente nordeste. Este facto parece-nos coerente se considerarmos que a estrutura deverá inflectir, num ângulo de 90º (não identificado por se localizar sob a estrutura de um forno), avançando até ao alinhamento que permite defender o Torreão.

Ainda relativamente à barbacã, verificamos que esta estrutura partilha do alinhamento do Torreão, encontrando-se afastada deste cerca de 1,4m. Segundo Manuel Maia, *na zona posta a descoberto* [na Rua de Trás dos Muros], *há uma distância de cerca de 1,5m entre a barbacã e a torre maciça, igualmente almóada* (2005b). Por outro lado, Luís Campos Paulo refere *medidas semelhantes (...) na rua dos Pelames, antigamente denominada por rua ou Azinhaga da Barbacã* (2006, p. 116). A propósito do espaço existente entre estes dois elementos defensivos Pavón Maldonado afirma *respecto al ancho de la liza o paseo de ronda entre el antemural y la muralla principal se daba variedad manifiesta* (1999, p. 282) e, mais à frente refere que *el ancho de la liza dependía muchas veces de la proyección al exterior de las torres albarranas...* (*Idem*). Tendo em conta os dados disponíveis, pensamos que estes não são suficientemente esclarecedores ou satisfatórios para tecer considerações quanto à existência, ou não, de um passeio de ronda distribuído de forma uniforme entre a barbacã e a muralha.

Ainda no que concerne o troço de barbacã da Rua da Liberdade, e considerando que os materiais cerâmicos nos remetem para cronologias de época medieval islâmica (aparentemente de período almóada), o facto de não terem sido recolhidos materiais arqueológicos posteriores, assim como o cruzamento com informações de algumas fontes documentais, poderão permitir-nos atribuir cronologias de construção (ou reconstrução) da estrutura em período anterior ao século XIV. Concorre para esta definição a referência às ordens de D. Fernando no sentido de *... demolir, por razões defensivas, as habitações da Rua Nova Grande* [actual Rua da Liberdade] *que ti-*

6. Os trabalhos arqueológicos efectuados na Calçada de Santa Maria, sob a responsabilidade de Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco, revelaram a existência de estruturas habitacionais, com orientação similar à estrutura murária aí encontrada.

*nham sido construídas adossadas à muralha...* (Magalhães, 2008, p. 225) para o Castelo ficar mais “*desabafado*” (Costa, 2003, p. 187).

Desta forma, poderemos supor que a estrutura da barbacã já estaria assimilada pelo tecido urbano em expansão por volta da 2.<sup>a</sup> metade do século XIV, condenada pelas construções acostadas ao pano de muralha que o rei mandou demolir. Tendo em consideração este facto, é compreensível que este elemento defensivo, bem como o Torreão aí identificado, não apareçam representados no *Atlas del Marqués de Heliche* ou no esboço de alçado produzido por Sande de Vasconcelos.

## 7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tal como afirmado por Christine Mazzoli-Guintard (2000, p. 287), a construção de torres, barbacãs e fossos destina-se a reforçar os panos de muralha compensando os seus pontos fracos, como por exemplo as portas.

A observação do sistema defensivo da cidade de Tavira permite confirmar que as torres e a barbacã edificadas tinham como objectivo a defesa das portas mas também o reforço dos panos de muralha, especialmente em áreas mais abertas ao exterior e, por isso, mais desprotegidas.

A proposta interpretativa que agora se apresenta (Figura 4) teve como base de trabalho um conjunto diverso de fontes, das quais destacamos, a documentação escrita, fotografias, gravuras e cartografia antiga, bem como os dados obtidos em resultado das intervenções arqueológicas. Esta proposta respeitante à evolução do sistema defensivo de Tavira em período medieval islâmico é, por isso mesmo, uma hipótese de trabalho em construção, passível de alteração sempre que se justificar.

## BIBLIOGRAFIA

ANICA, Arnaldo Casimiro (2003) – *Tavira e o seu Termo: Memorando histórico*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.

ARRUDA, Ana Margarida; COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Cavaco (2008) – A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira). *Xelb. Actas do 5.º Encontro Arqueologia no Algarve*. Silves. 8: I. pp. 141-160.

ARRUDA, Ana Margarida (2007) – A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias. *Xelb. Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves. 7. pp. 116-130.

ASSUNÇÃO, Gustavo (2007) – *Relatório Final. Intervenção do logradouro do antigo Orfeão de Tavira*.

BÁSILIO, Lília; NEVES, Maria João; ALMEIDA Miguel (2006) – Os materiais cerâmicos da “Lixeira 2” da “Pensão Castelo” – Novos dados sobre a ocupação islâmica de Tavira. In. *Xelb. Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves. 6: II. pp. 105-114.

CAVACO, Sandra (2011) – *O arrabalde da Bela Fria. Contributos para o estudo da Tavira Islâmica*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Algarve.

CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline (2009) – Um (novo) olhar sobre a Tavira Islâmica. *Xelb. Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves. 9. pp. 429-443.

COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra; CANDEIAS, Celso (2015) – *Nota Técnica. Trabalhos arqueológicos na Rua da Liberdade n.º 78*.

COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra (2012) – *Calçada de Santa Maria. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*.

COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra (2010) – *Ermida de S. Roque. Relatório Preliminar*.

COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra; LOPES, Gonçalo (2008) – O bairro Almóada do Convento de Nossa Senhora da Graça – Tavira. Notícia preliminar. *Promontoria Monográfica. Actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro. XI. pp. 51-62.

CORVO, Alberto (2008) – Tavira litoral, território em mudança. In. *Tavira, patrimónios do mar. Catálogo da exposição*. Câmara Municipal de Tavira. pp. 17-33.

CORREIA, Fernando Branco (1998) – Fortificações islâmicas do Gharb. In. *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo Catálogo da exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 193-206.

COSTA, João Paulo Oliveira e (2005) – *D. Manuel I. Rio de Mouro*. Círculo de Leitores.

COSTA, Paula M. C. Pinto (2003) – Tavira nos séculos XII a XV – a ocupação cristã. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 183-203.

KHAWLI, Abdallah (2003) – Tavira Islâmica. Novos dados sobre a sua história. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 131-146.

MACIEL, M. Justino (2003) – O território de Balsa na Antiguidade tardia. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 105-126.

MAGALHÃES, Natércia (2008) – *Algarve – Castelos, Cercas e Fortalezas*. Letras Várias. Edições e Arte.

- MAIA, Manuel (2003) – Muralhas islâmicas de Tavira. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 155-162.
- MAIA, Manuel (2005a) – Muralha islâmica e portuguesa. In. *Roteiro do Património Arquitectónico e Militar de Tavira*. Câmara Municipal de Tavira. pp. 12-16.
- MAIA, Manuel (2005b) – *Muralha Islâmica de Tavira. Barbacã Almóada*. Campo Arqueológico de Tavira. [online]. [03.07.2017] Disponível em <http://geohistorica.net/arkeotavira.com/arqueologia/tavira/barbaca/index.html>
- MAIA, Manuel (2006) – A Barbacã da Muralha de Tavira. *Xelb. Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves. 6: I. pp. 41-50.
- MAIA, Maria (2000) – Tavira fenícia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a. C. In. *Fenícios y Território. Actas do II Seminário Internacional sobre Temas Fenícios*. [online]. [11.09.2010]. Disponível em <http://www.arkeotavira.com/Estudos/Tavira.pdf>
- MAIA, Maria (2003a) – A Idade do Bronze Final. In. *Tavira: território e poder*. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 39-47.
- MAIA, Maria (2003b) – Fenícios em Tavira. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 57-72.
- MAIA, Maria (2004) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos (sondagens) efectuados as traseiras (quintal) do prédio Rua da Liberdade n.º 52/54 em Tavira*.
- MAIA, Maria (2005) – *Relatório Correspondente à Segunda Fase dos Trabalhos Arqueológicos nas Ruínas de Corte Reais*. Exemplar policopiado.
- MAIA, Maria (2007) – *Relatório do acompanhamento arqueológico do desaterro e movimentação de terras para a execução do Projecto Integrado de Desenvolvimento Turístico das Muralhas de Tavira*.
- MAIA, Maria (2008) – *Relatório das sondagens arqueológicas realizadas pela Associação Campo Arqueológico de Tavira, no "Parque das Festas", antigo horto/logradouro do Palácio da Galeria*.
- MAIA, Maria e GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2012) – Um achado da Idade do Bronze em Tavira. In. ÁVIA, Javier Jiménez, ed. – *SIDEREUM ANA II. El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Aespa LXII. pp. 327-344.
- MANTAS, Vasco Gil (2003) – A cidade de Balsa. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 85-94.
- MATEUS, Brígida (2010) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Trabalhos de Arqueologia. Terreiro do Parguinho n.º 2 a 4, Tavira*.
- PAULO, Luís Campos (2006) – *Tavira Islâmica. A Cidade e o Território*. Tese de Mestrado em História e Arqueologia Medievais.
- PAVÓN MALDONADO, Basilio (1999) – *Tratado de Arquitectura Hispano-Musulmano. Ciudades y Fortalezas*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Vols. I e II.
- PINTO, Marina; SIMÃO, Inês (2009) – *Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico. Antigo Parque de Festas, Tavira. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*.
- SÁNCHEZ RÚBIO, Rocío; TESTÓN NÚÑEZ, Isabel; SÁNCHEZ RÚBIO, Carlos M. (2004) – *Imágenes de un imperio perdido. El Atlas del Marqués de Heliche*. [online] Badajoz. 4 Gatos. [28.02.09]. Disponível em <http://4gatos.es/editorial/atlas-del-marques-de-heliche>
- SANTOS, Fernando; NUNES, Liliana (2016) – *Relatório Final. Trabalhos Arqueológicos no âmbito da Obra de Reabilitação de edifício sito na Rua da Liberdade, n.º 78 – Tavira*.
- SANTOS, Fernando (2016) – *Nota Técnica. Trabalhos arqueológicos no âmbito da obra de reconstrução de troço de muralha em Tavira – Travessa dos Pelames 6 e 8. Tavira*.
- SILVA, Manuela Santos (2004) – Estudo introdutório. In. *O Foral de Tavira de 1504: estudo e transcrição*. Tavira. Câmara Municipal de Tavira. pp. 6-29.
- SIMÃO, Inês; BAPTISTA, Brígida (2010) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Sondagens de Diagnóstico: Ecopontos do Centro Histórico de Tavira*.
- TAHIRI, Ahmed (2003) – Tavira Islâmica. Una entidad urbana de Ukšunuba en Gharb al-Andalus. In. *Tavira. Território e poder. Catálogo da exposição*. s.l. Câmara Municipal de Tavira. Museu Nacional de Arqueologia. pp. 147-154.

#### Plantas

- VASCONCELOS, José de Sande – *Borrão do Alçado da planta de Tavira: visto da parte do nascente pa. o occidente segundo a direcção e ordens d'Ilmo e Exmo. Senhor Conde de Val de Reys. Gor. e Capam*. [online]. [11.06.2011]. Disponível em [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart512323.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart512323.pdf).



Figura 1 – Vista geral do torreão e da barbacã da Rua da Liberdade n.º 78.



Figura 2 – Vista geral da barbacã da Travessa dos Pelames n.º 6 a 8.



Figura 3 – Vista geral da torre albarrã da Bela Fria.



Figura 4 – Proposta interpretativa do sistema defensivo de Tavira.



